

**Zona de dia e zona de noite: cotidianos e modos de morar na
zona do meretrício do Bom Retiro (1940-1953)**

*Zona de día y zona de noche: cotidianos y modos de habitar en la
zona de prostitución del Bom Retiro (1940-1954)*

**E5-06 - Las Escalas y los Mecanismos de Segregación y Resistencia en
Iberoamérica: Habitación y Ciudad**

Camila Gabay de Sá

SMC-DPH-DPP, Brasil

gabays.camila@gmail.com

Resumo: Este artigo mobiliza uma investigação que busca compreender e refletir sobre os cotidianos, sociabilidades e modos de morar na Zona do Meretrício do Bom Retiro entre os anos de 1940 e 1953 - período em que as atividades ligadas à prostituição em São Paulo estiveram regulamentadas e confinadas no bairro com a presença constante de um controle médico-policial. Parte-se de uma revisão bibliográfica sobre o tema e do levantamento de diversas fontes documentais - plantas, fotografias, alvarás, passagens literárias e notícias de periódicos - para compreender a casa de tolerância, seus espaços internos, elementos arquitetônicos e funcionamento como local de trabalho e moradia para as prostitutas. E, a partir da casa, refletir sobre a vida privada dos indivíduos marginalizados que compunham o submundo da prostituição - as meretrizes, cafetinas e figuras masculinas - cujos modo de viver eram apresentados nos discursos oficiais (jornalísticos, médicos, políticos e policiais) como o contra-ideal aos padrões de moral e domesticidade burguesa e higiênica impostos à época. Assim, pondera-se de que modo e em que medida a experiência da regulamentação em São Paulo foi uma ação de planejamento na cidade, que alterou os modos de viver e resistir das mulheres prostitutas

e demais personagens deste submundo, assim como seus espaços de convívio, trabalho e moradia.

Palavras-chave: Prostituição; Domesticidade; Bom Retiro.

Resumen: *Este artículo moviliza una investigación que busca comprender y reflexionar sobre los cotidianos, sociabilidades y formas de habitar en la Zona de Prostitución del barrio del Bom Retiro entre los años de 1940 y 1953, período en el que las actividades relacionadas con la prostitución en São Paulo estuvieron reguladas y confinadas al barrio, con la constante presencia de un control médico-policial. Se parte de una revisión bibliográfica sobre el tema y de la recopilación de diversas fuentes documentales - planos, fotografías, permisos, pasajes literarios y noticias de periódicos - para comprender la casa de tolerancia, sus espacios internos, elementos arquitectónicos y funcionamiento como lugar de trabajo y residencia para las prostitutas. Y, a partir de la casa, reflexionar sobre la vida privada de los individuos marginados que formaban el submundo de la prostitución - las meretrices, las madamas y figuras masculinas - cuyos modos de vida eran presentados en los discursos oficiales (periodísticos, médicos, políticos y policiales) como el contraideal de los estándares de moralidad y domesticidad burguesa e higiénica impuestos en la época. Así, se pondera cómo y en qué medida la experiencia de la reglamentación en São Paulo fue una acción de planificación en la ciudad, que alteró los modos de vivir y resistir de las mujeres prostitutas y otros personajes de este submundo, así como sus espacios de convivencia, trabajo y residencia.*

Palabras-clave: Prostitución, Domesticidad, Bom Retiro.

Introdução

Este artigo é fruto de uma pesquisa desenvolvida na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e de Design da Universidade de São Paulo (FAU-USP) para um Trabalho Final de Graduação (TFG) de mesmo título¹ (Sá, 2024). Seu objetivo coincide com o objetivo do simpósio em que foi apresentado, *Las Escalas y los Mecanismos de Segregación y Resistencia en Iberoamérica: Habitación y Ciudad*, de investigar os mecanismos de segregação e resistência a partir da escala da cidade e do edifício. Tratamos aqui especificamente da zona do meretrício do Bom Retiro, onde, entre 1940 e 1953 ficou delimitado um perímetro específico da cidade de São Paulo para a concentração das atividades ligadas à prostituição, e das mulheres prostitutas.

Diferentemente do quarto de empregada, que na casa burguesa fica na área de serviço, estudamos a casa de tolerância como local de trabalho e moradia das meretrizes da zona. Aqui, é o cliente que vai à casa da prostituta em busca de um serviço. A segregação espacial é levada ao extremo e possui uma escala também urbana, com a criação da zona confinada. Mas não deixa de afetar e ser afetada pela vizinhança. O espaço segregado é mais permeável do que parece e a economia do prazer, como veremos adiante, não cabe na zona confinada, continua a agir clandestinamente pela cidade.

Dividiremos o presente artigo em três partes, nas quais discutimos as diferentes escalas, personagens e mecanismos de controle em curso na zona do Bom Retiro, a partir de diferentes fontes bibliográficas e documentais. Na primeira parte, *O confinamento*, busca-se explicitar as políticas de controle em curso desde a virada do século XIX para o XX que culminam no confinamento da prostituição no bairro do Bom Retiro, principalmente a partir dos trabalhos de Margareth Rago (1991), *Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)*, e do mestrado de Sarah Feldman (1989), *Segregações Espaciais Urbanas: A territorialização da prostituição feminina em São Paulo*.

Na segunda parte, *A casa de tolerância*, entramos na escala da casa das prostitutas para entender seu funcionamento, coexistência entre as funções de moradia e trabalho e como isso se reflete na organização dos ambientes e em sua materialidade. Para isso, nos utilizamos de Alvarás de Funcionamento levantados na *Seção de Divertimentos Públicos* do Arquivo Histórico Municipal. Além de plantas de casas localizadas nas ruas que delimitavam a zona, do início do século XX levantadas no Arquivo Histórico Municipal e do período de confinamento no Arquivo Público Municipal. Além disso, uma fonte importante para os estudos que abordam a zona é o Trabalho de Conclusão de Curso de Elvira Furlan (1955), *Alguns aspectos da regulamentação da prostituição em São Paulo*, que se formou Assistente Social na PUC-SP, e cujo estudo de caso foi a zona do Bom Retiro, no momento de seu fechamento. Trazendo descrições e fotografias das casas de tolerância logo antes e logo após o fim da zona, em 1953.

Além disso, são também mobilizados trechos de obras literárias que retratam a zona. Neste artigo trazemos o romance de Nuto Sant'Anna (1958), *Rua Aimorés*, escrito logo após o fechamento da

¹ O TFG *Zona de dia e zona de noite: cotidianos e modos de morar na zona do meretrício do Bom Retiro* foi apresentado em dezembro de 2024 e orientado pela Profa. Dra. Joana Mello de Carvalho e Silva. A quem agradeço pela orientação e aceite para participar do simpósio *Las Escalas y los Mecanismos de Segregación y Resistencia en Iberoamérica: Habitación y Ciudad* que coordenou junto com a Profa. Dra. Inés Pérez, a quem também agradeço, assim como aos demais pesquisadores que apresentaram seus trabalhos e contribuíram com comentários a esta pesquisa.

zona e que traz um ponto de vista bastante moralista e determinista. E, e o livro de relatos de Hiroito Joanides (1977), *Boca do Lixo*, no qual o autor conta sua trajetória baseada em fatos reais, de jovem frequentador da zona do Bom Retiro e que depois se torna um dos grandes criminosos da Boca do Lixo, formada após o fim da zona na região da Luz.

Estes trechos literários também são utilizados junto de matérias de jornal da época, levantadas no *Diário da Noite*, a partir do acervo da *Hemeroteca Digital Brasileira* da *Fundação Biblioteca Nacional*, para apresentar e refletir sobre os frequentadores da zona e a ação de controle policial em seu interior, na terceira parte do artigo, *Os frequentadores (e a Polícia)*.

Desta forma, espera-se apresentar a zona do meretrício, seus personagens e lugares, a partir de uma série de documentos e reflexões. Além de ponderar sobre como a experiência da regulamentação da prostituição em São Paulo foi também uma ação de planejamento na cidade, que alterou os modos de viver e resistir das mulheres prostitutas e demais personagens deste submundo, assim como seus espaços de convívio, trabalho e moradia.

O confinamento

A zona confinada do meretrício funcionou no bairro do Bom Retiro, em São Paulo, entre os anos de 1940 e 1953. A decisão por delimitar um perímetro na cidade para a concentração das atividades ligadas à prostituição ocorre em meio ao progressivo e sistemático envolvimento do Estado e da Polícia, em curso desde o final do século XIX, no controle de corpos e territórios ligados não só à prostituição, mas a todas as práticas dissidentes aos costumes da época.

Na virada do século XIX para o XX a população da cidade de São Paulo mais que quadruplica, passando de 64.934 para 239.820 habitantes entre 1890 e 1900 (Feldman, 1989, p. 26). Este crescimento é impulsionado pela economia cafeeira, crescente industrialização, políticas de imigração e migrações internas, que são acompanhados de uma expansão urbana e da criação de novos espaços de sociabilidade e recreação. Além da maior presença feminina no espaço público, na política e em postos de trabalho, o que gera preocupações dos “olhares especializados” - médicos, juristas, policiais, criminologistas, jornalistas - com a moralidade pública e os códigos de conduta da mulher (Rago, 1991). A presença das prostitutas, principalmente estrangeiras, fica mais evidente na cidade e logo se torna objeto de estudo desses “homens especialistas”, transformando a figura da meretriz em fantasma que limita a liberdade feminina e cria uma clara oposição entre a mulher da vida (mulher pública) e a rainha do lar (moça de família), como coloca Rago (1991, p.40):

Nesse complexo campo de redefinição de papéis e valores, a prostituta foi construída como um contra-ideal necessário para atuar como limite à liberdade feminina. A elaboração médico-policial de sua identidade [...] facilitava a internalização do modelo ideal de boa dona-de-casa, por oposição.

Ao mesmo tempo, o mundo da prostituição e dos divertimentos noturnos gerava grande fascínio na sociedade da época. De modo que, concentram-se no centro da cidade, adjacentes às áreas de estabelecimentos comerciais e do capital financeiro, diversos cafés, bares, cabarés, bailes, bordéis,

teatros e restaurantes que configuravam territórios de prazer² e de sociabilidade, atraindo não só uma burguesia rica, mas políticos, coronéis, estudantes, trabalhadores e marginais (Rago, 1991, p.81). Estando sempre separados dos espaços das famílias e rainhas do lar³, que deveriam ser preservadas virgens ou em casamentos monogâmicos e dessexualizados, e cujas famílias se instalavam progressivamente em bairros mais afastados do centro.

A expansão desses espaços de desejo era vista como um “mal necessário”, importante tanto para a manutenção das famílias, no sentido de que “garantia a virgindade das futuras esposas e permitia que os moços arrefecessem parte do ‘fogo interno’” (Rago, 1991, p.25), quanto para o progresso e modernização da sociedade paulistana.

Ao mesmo tempo, a evidência da geografia do prazer traz um aumento de ações disciplinadoras sobre corpos e espaços ligados à prostituição. Assim, a partir da última década do século XIX, cria-se uma sequência de legislações e aparatos de controle e repressão desses corpos, passando a agir também sobre a territorialização e segregação espacial das atividades de prostituição na cidade, como argumenta Feldman (1989), sobretudo por meio da Delegacia de Costumes, Diversão e Jogos criada em 1924. Incorporam-se, assim, parâmetros higienistas de controle, saneamento e estratégias de afastamento das chamadas “mulheres da vida” das “mulheres do lar” e suas famílias.

As reformas urbanas embelezadoras realizadas no centro da cidade a partir do início do século XX, muito inspiradas nas reformas haussmanianas de Paris, também servem como instrumento de uma política higienista que progressivamente expulsa os sujeitos indesejados do centro valorizado da cidade. Em 1911 são encampadas as reformas do Plano Bouvard. Já em 1940, ano do decreto que instaura o confinamento da prostituição, está em curso a implantação do chamada Plano de Avenidas Prestes Maia. Que age sobretudo em reformas no sistema viário para a expansão e valorização da região central, alargamento de vias e conexões do centro com bairros periféricos, em uma perspectiva baseada no rodoviarismo. Um dos objetivos do plano era expandir o centro novo em direção à Praça da República, para isso são feitas diversas desapropriações e demolições que acabam por expulsar moradores do centro da cidade, e, não por coincidência, afetam as áreas com maiores concentrações de cortiços, casas de tolerância⁴ e núcleos prostituição - que muitas vezes andavam juntos⁵, como observa-se no mapeamento apresentado na Figura 01.

² Margareth Rago caracteriza os territórios do prazer ou geografias do prazer como “espaço[s] geográfico[s] da cidade especialmente destinado[s] à evasão, aos encontros amorosos, à vida boêmia” (1991, p.41).

³ O afastamento desses territórios das famílias, na prática, só se aplica às famílias das classes dominantes. Enquanto isso, sobretudo a partir da década de 1920 a maior parte de núcleos de prostituição se mistura aos territórios onde se concentram famílias de baixa renda moradoras de cortiços (Feldman, 1989, p.61).

⁴ A nomenclatura de “casa de tolerância” vem da ideia de que a prostituição era tolerada por ser um “mal necessário”, é desta forma que as casas de prostituição, sobretudo aquelas que servem de espaço de trabalho e moradia dessas mulheres, serão chamadas.

⁵ Sobre a coincidência de espaços de prostituição e cortiços Feldman (1989, p.66) coloca: “A prostituição, assim como o cortiço, constitui perigo físico e moral, ameaça à família e à sociedade. Cortiço e prostituição coabitam o mesmo universo de representação social enquanto oposição à família e ameaça a uma ordem estabelecida, e nesse sentido podem estar juntos.”

Toda a zona que se estende da Luz ao Arouche e até a Consolação é colocada como ‘a melhor área para desenvolvimento do comércio’, pelas facilidades de comunicação em todas as direções e com o Triângulo. Nesse sentido, particular interesse se revela no plano pela área de Santa Ifigênia - maior concentração de territórios de prostituição no período - considerada pelo plano especialmente apropriada à expansão do comércio retalhista e de luxo. (Feldman, 1989, p.68)

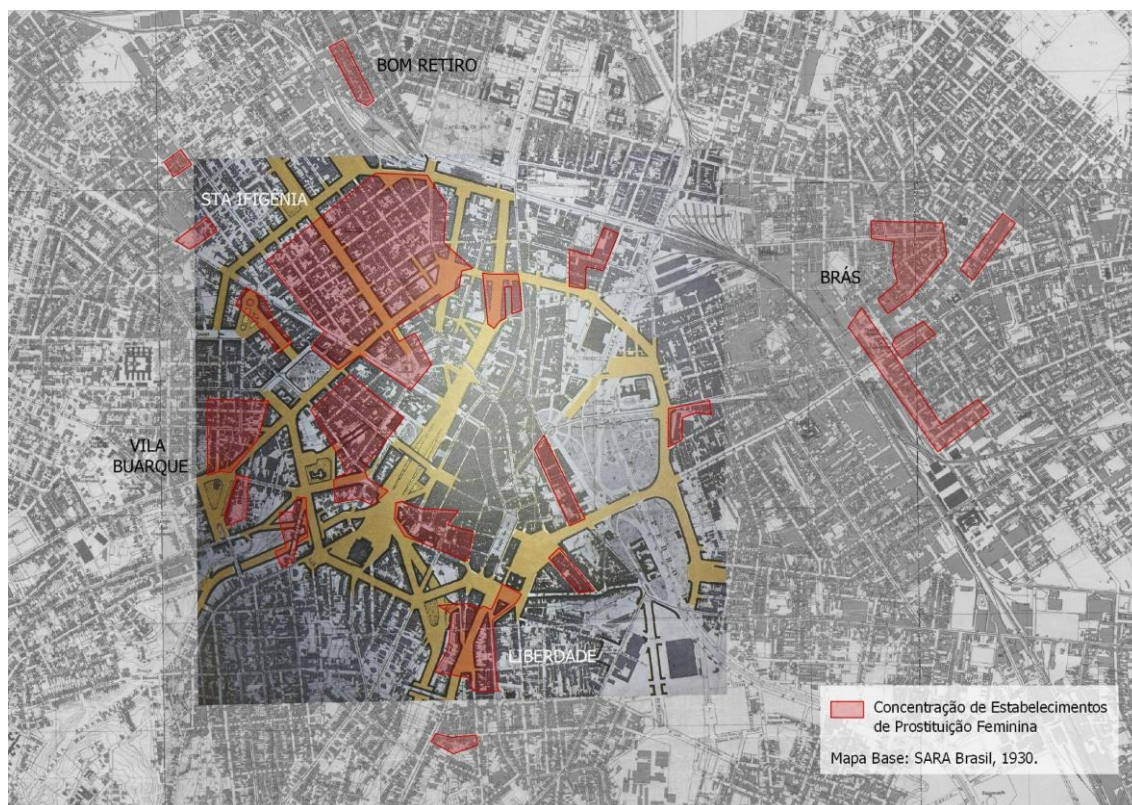


Figura 01: Em vermelho regiões de concentração de estabelecimentos de prostituição feminina entre 1924 e 1939, redesenhadas a partir do mapa *Territórios de prostituição em São Paulo: 1924 a 1939* de Sara Feldman (1989), sobrepostas à *Planta Geral dos melhoramentos centrais de 1945* (Toledo, 1996), em que as intervenções do *Plano de Avenidas* se destacam em amarelo. Fonte: Elaboração da autora, 2026.

O confinamento da zona de tolerância, portanto, é fruto desse ambiente de reformas urbanas e de aumento da centralização política do Estado Novo, que amplia os poderes policiais. Assim, discussões sobre o deslocamento da concentração da prostituição e sua segregação espacial regulamentada⁶ em algum local da cidade, que já eram tratadas desde a década de 1930 (Rosin, 2021), são finalmente colocadas em prática com o decreto de Adhemar de Barros⁷, confinando a prostituição no bairro do Bom Retiro em 1940.

⁶ O sistema regulamentarista, criado na França em 1802, cria um constante controle policial e sanitário da mulher prostituta a partir da delimitação territorial das atividades da prostituição e do registro dessas mulheres na polícia.

⁷ Nomeado por Getúlio Vargas como interventor federal do Estado de São Paulo em 1938, logo no início da ditadura do Estado Novo (1937-1946), Adhemar de Barros era médico com fortes influências higienistas em sua formação (Borges, 2018).

Além do acesso facilitado ao centro da cidade e proximidade das estações de trem, o bairro já possuía uma concentração de cortiços, casas de tolerância e imóveis de conjugavam usos diversos - comércio, indústria e residência (Feldman, 1989). O perímetro de confinamento ficou delimitado, então, pelas Ruas Itaboca (atual Prof. Cesare Lombroso⁸), Aimorés, Carmo Cintra, Ribeiro de Lima e pela parede da linha férrea - barreira física limitante do território. Dessa maneira, a zona fica escondida e segregada da área central da cidade, que passa por renovações e processos de valorização, mas ao mesmo tempo acessível ao centro pela proximidade e conexões. Entre elas a passagem de nível sob a linha férrea e o viaduto General Couto Magalhães, que propiciam a conexão do bairro com os Campos Elíseos, Santa Ifigênia, Luz, Pari e Brás (Feldman, 1989, p.80), o que pode ser observado na Figura 02.



Figura 02: Perímetro de confinamento da Zona do Meretrício do Bom Retiro: isolamento e conexões com o centro da cidade. Fonte: Elaboração da autora, 2024.

⁸ Cesare Lombroso foi um médico italiano que segundo Rosin (2021, p.184) “foi um dos responsáveis pela teoria do determinismo biológico, que desconsidera a vontade dos sujeitos e reforça a ideia de que os fatores biológicos são responsáveis pelo comportamento de uma pessoa ou por sua propensão à criminalidade. Uma de suas obras mais célebres, A Mulher Delinquente: a prostituta e a mulher normal, traz a ideia de que a prostituta possui degenerações que as diferenciam do que Lombroso chama de ‘a mulher normal’”. Desta maneira, a escolha da mudança de nome da rua logo após o fim do confinamento para homenagear o médico italiano não foi por acaso, Rechtman (2015, p. 91) traz em seu trabalho um trecho do parecer que chega a conclusão da mudança do nome da rua, justamente porque a rua Itaboca era “lembrada por acontecimentos de triste memória”.

A casa de tolerância

As prostitutas, sobretudo as que antes ocupavam a região da Santa Ifigênia, são então transferidas para as cerca de 150 casas de tolerância da nova zona do meretrício da cidade, onde passam a viver e trabalhar. De acordo com um levantamento trazido por Feldman (1989, p.91) na zona do meretrício 92,2% das prostitutas eram brasileiras, fora dela 12,2% se diziam nascidas na capital do Estado, enquanto 40,8% vinham do interior do Estado e 44,4% de outros Estados do país. Embora este último levantamento tenha sido realizado fora do perímetro confinado, pode-se inferir que a maioria das prostitutas que viviam na zona também vinham, em sua maioria, de fora da cidade de São Paulo. Este movimento, segundo Feldman (1989), faz parte de uma onda migratória de mulheres de áreas rurais para os centros urbanos entre as décadas de 1940 e 1950. Motivadas pela queda de trabalhos femininos na agricultura, cuja mão-de-obra fora substituída pela masculina, chegavam nas cidades, mas encontravam dificuldades no ingresso em atividades manufatureiras, que até pouco tempo antes empregavam mão-de-obra não especializada. Assim, é no setor de Serviços de Consumo Individual que essas mulheres encontram emprego, sobretudo no trabalho doméstico, mas também no trabalho sexual. A casa de tolerância para estas mulheres representava então, como argumenta Sarah Feldman (1989) em seu mestrado, uma dupla solução de casa e moradia. O trabalho da prostituição, portanto, permitia solucionar essas duas grandes questões da vida na cidade.

As casas da zona do meretrício do Bom Retiro funcionavam em uma lógica parecida com a de cortiços, tanto no funcionamento de aluguel de cômodos, como pela subdivisão de espaços, precárias condições de insolação e ventilação e ocupação com o maior número de mulheres possível. A diferença é que os aposentos eram utilizados simultaneamente para o trabalho e moradia. Para a abertura e atividade das casas de tolerância, era necessário entrar com um pedido de Alvará de Funcionamento, como em qualquer outro tipo de comércio. A requerente, que no caso das pensões noturnas era normalmente uma mulher, entrava com o pedido na Delegacia de Costumes, informando a localização da casa e a quantidade de cômodos, além de pagar um imposto trimestral. Para a venda de bebidas alcoólicas no local era preciso pagar o Imposto de Consumo à Secretaria da Fazenda - algumas das casas possuíam bares em seu interior. Vistorias eram realizadas pela polícia no local para garantir que as casas não estivessem próximas à comércios, indústrias e residências familiares, no entanto, esta fiscalização estava permeada de corrupção, não garantindo o afastamento do meretrício do bairro do Bom Retiro, suas famílias e instituições de ensino. Tal proximidade gera reações negativas e campanhas contra o meretrício no bairro, veiculadas com frequência em jornais do período.

A maioria das casas segue a ocupação padrão do lote, que existe até hoje no Bom Retiro, lotes compridos de frente estreita, que são ocupados por casas organizadas por corredores internos ou externos para a circulação entre os ambientes. A cozinha, instalações sanitárias e área de serviço, eram muitas vezes montadas improvisadamente nos quintais de fundo dessas casas, em situação bastante precária e anti-higiênica (Figuras 03 e 04). Já os ambientes internos eram quase todos ocupados e subdivididos para utilização como quartos. Em um levantamento realizado na seção de Divertimentos Públicos do Arquivo Histórico Municipal encontramos 16 alvarás de funcionamento de Pensões Noturnas nas ruas que compunham o confinamento - Aimorés, Itaboca e Carmo Cintra. Os documentos indicam que a maioria das casas possuía entre 3 e 5 cômodos declarados nos pedidos de alvará, mas é provável que muitas das casas fossem compostas de mais aposentos, possuindo diversas subdivisões internas para um maior aproveitamento dos espaços.

Um alvará de funcionamento de pensão noturna à Rua Itaboca, nº62, de 1946, por exemplo, indica a existência de 5 aposentos na casa. Para o mesmo endereço, uma planta presente em processo de 1940 (Processo SIMPROC Nº 0 0 83 011 / 1940) de reforma de prédio sem licença, levantada no Arquivo Público Municipal, apresenta 8 quartos, inclusive com a utilização de painéis de madeira para subdivisão dos cômodos.



Figuras 03 e 04: Fundos das casas de tolerância. À esquerda cozinha improvisada. Fonte: Furlan, 1955, N. À direita lavanderia presente em uma das casas. Fonte: Furlan, 1955, U.

Tal situação de ocupação e organização das casas de tolerância é descrita também por Elvira Furlan (1955) em seu Trabalho de Conclusão de Curso em Serviço Social, na PUC-SP, em que acompanha o fechamento da zona do meretrício, no final de 1953, descrevendo as casas e a condição das meretrizes. Sobre as casas de tolerância aponta:

Nessas visitas pudemos constatar do mau estado das construções daqueles prédios: casas seriamente arruinadas, sem o mínimo de conforto material, e sem o menor requisito de higiene. Havia sido adaptadas pela ganância dos proprietários, para nelas alojar o maior número possível de mulheres. (...)

Para aumentar o número de aposentos, todo e qualquer canto, vão de escada, corredor, entrada ou fundo de quintal, assim como aposentos maiores, foram divididos em dois ou três a fim de aumentar o número de quartos. Alguns corredores foram, também, improvisadamente cobertos para se transformar em bares.

Na quase totalidade das casas verificamos a ausência de janelas nos dormitórios, que assim não recebiam nem ar, nem a luz do sol. Alguns quartos que, embora possuíssem janelas, também não recebiam luz suficiente, porque davam para bares improvisados, que impedia a entrada do sol. (Furlan, 1955, pp.41-43)

Desta forma, nota-se a contradição do discurso que confina a prostituição no Bom Retiro, que se baseia nos princípios higienistas que prezam pela casa unifamiliar, higiênica e monogâmica, mas submetem as prostitutas às condições de trabalho e habitabilidade que os próprios olhares especializados desprezam e combatem.

Temos poucas informações sobre os interiores da casa. Mas é possível imaginar, então, que era nos primeiros cômodos, os que tinham as janelas voltadas para a rua, ou nesses corredores internos ou externos, que funcionavam os locais de “exibição” das meretrizes e recepção dos clientes. Era também onde eram servidas bebidas alcoólicas e, quem sabe, outros tóxicos, além de se tornar o local de onde se distribuíam as trabalhadoras do sexo com seus clientes para os respectivos quartos. É nas aberturas de portas e janelas com interface com a rua que aparece o elemento arquitetônico mais marcante da zona, as rótulas, que aparecem marcadamente nas obras literárias analisadas e nas fotografias do relatório de Furlan (1955). Eram elementos que permitiam a comunicação entre a casa e a rua, o vislumbrar de fora para dentro e vice-versa. Feitas de madeira e, segundo os relatos das obras literárias, pintadas de verde, com ripas na horizontal que formavam aberturas largas, permitindo a visão e comunicação através delas. Além disso, são quase como molduras individuais como se cada uma das mulheres tivesse seu espaço estabelecido na fachada das casas. Essas rótulas, como se apreende das figuras 05 e 06, são intervenções posteriores nas edificações e sua materialidade e execução podem ser mais ou menos improvisadas, mas parece ser importante que as casas de tolerância possuam este elemento arquitetônico, marcando a atividade realizada no interior das casas.

Durante o dia as venezianas eram aparatos de comunicação, observação, sociabilidades e até fofocas entre os habitantes e frequentadores da zona. De noite, com a chegada dos homens de diversos lados da cidade para ver o espetáculo através das janelas ou experimentar os prazeres da noite, as rótulas se tornavam elementos de sedução.

Na rua ia e vinha, incessantemente, uma fila heterogênea de basbaques. Indivíduos de todos os tipos e tôdas as idades. Moços e velhos. Comerciantes, funcionários, operários, soldados. Trocavam-se ditos, uns jocosos, outros grosseiros. Os itinerantes a cada passo se detinham ante as rótulas, contemplando as odaliscas - estátuas de cera, modelos de semi-nudez artística ou bonecas de trapo e também espantalhos de horta expostos numa vitrina. (Sant’Anna, 1958, p.15)



Figuras 05 e 06: Fotografias em que se vê as rótulas, sua utilização, materialidade e variedade de soluções para implantação nas construções. Fonte: Furlan, 1955, F e K.

Os frequentadores (e a Polícia)

Como se depreende da cena narrada por Nuto Sant’Anna, havia uma variedade de indivíduos que frequentava o meretrício. Desde “homens de família” em busca de relações extra-conjugais, até trabalhadores do centro, homens vindos de várias direções que desembarcavam nas estações de trem das proximidades, de diversas classes sociais e idades.

Embora os homens também fossem alvo de normatizações de gênero e papéis sociais moralmente estabelecidos, centralizados na família e no casamento, Pinsky (2014, s.p.) coloca que, “a moral sexual que vigora durante os Anos Dourados⁹ tem dupla face: cobra pureza da mulher solteira ao mesmo tempo que permite e incentiva experiências sexuais do homem com várias mulheres”. Essa dupla moral sexual se relaciona com a justificativa de que a prostituição era um mal-necessário, muitos meninos perdiam suas virgindades e tinham suas primeiras experiências sexuais na zona do meretrício. Diversos trabalhadores e “homens de família” também a frequentavam, por isso havia também um movimento de convencer o homem de que a domesticidade era para ele a solução para sua saúde, felicidade e civilidade, e ficava nas mãos de suas esposas e mães tornar o espaço doméstico mais atrativo para que ele não sucumbisse aos perigos e vícios encontrados no espaço urbano.

No entanto, não eram esses homens que compunham com mais peso a paisagem retratada do meretrício nos jornais e na literatura. Quem participava mais ativamente da sociabilidade, atividades, criminalidade e paisagem da zona confinada eram homens associados à anormalidade, como traz Ferreira (2023, p.279) em seu doutorado:

Nessa nova ordem de associação da domesticidade com a moralidade masculina, o homem sem família e sem domesticidade deixava de ser um indivíduo infrator dos *deveres* religiosos e familiares - e que, portanto, era merecedor de certas punições - e passava ao grupo dos anormais, daqueles que possuíam uma essência desvirtuada e ameaçavam a *ordem* e o bem-estar social.

Ou seja, os bêbados, libertinos, aventureiros, malandros, rufões, marginais, vadios, os que fugiam aos padrões de masculinidade e virilidade - efeminados e homossexuais - e até os “invertidos”, aqueles que se travestiam ou transgrediam as divisões normativas de gênero. A zona era, afinal, o contraponto ao ideal engessado e castrador de domesticidade monogâmica e heteronormativa, um lugar em que a sexualidade poderia ser explorada de forma mais livre e onde as sociabilidades dos homens de família, dos trabalhadores, dos marginais e das meretrizes se encontravam.

Hiroito Joanides, foi um desses homens da vida real que frequentou o meretrício do Bom Retiro quando jovem e, depois, se tornou um dos maiores criminosos da Boca do Lixo¹⁰. Em seu livro

⁹ Anos Dourados é como se apelidaram os anos de 1940 a 1964, período de estudo de Carla Pinsky (2014) em seu livro *Mulheres dos anos Dourados*.

¹⁰ A Boca do Lixo se formou logo após o fim da zona confinada do meretrício. Com a expulsão das meretrizes de suas casas e locais de trabalho, muitas delas se dirigiram ao que ficou conhecido como o “Quadrilátero do Pecado”, de volta à Santa Ifigênia e arredores da Estação da Luz, onde se estabeleceu uma nova concentração da prostituição em São Paulo.

de memórias o autor traz uma das explicações possíveis para a concentração dessas figuras marginais em locais próximos à prostituição:

Em algumas cidades, porém, pode vir a ocorrer que um grande número de marginais acabe por se concentrar num mesmo local. A causa de tais concentrações, o foco que atrai, arregimenta e aglutina essas populações de proscritos é, invariavelmente, a prostituição. No meio e em torno desta, sempre, é que irão surgir e se desenvolver ‘colônias’ de criminosos, contraventores e vadios. E isso porque, para tais seres, é a prostituta receptáculo não apenas dos apetites do sexo mas também, e ainda, de sonhos e anseios que se fizeram truncados, mutilados no curso e por força de suas vidas anômalas. Unicamente nela, prostituta, encontra o marginal, o delinquente, possibilidades para uma pálida satisfação das humanas necessidades de relacionamento emocional-afetivo. Nos rastros de uma qualquer ‘mulher da vida’, há de se ver, manquitolante, o sentimentalismo de um malandro. (Joanides, 1977, p.15)

Apesar de um relato um tanto romantizado, podemos supor que o contrário também era verdadeiro. Era nos homens que compunham o submundo que as meretrizes encontravam afeto e algum tipo de vínculo que ultrapassa a relação de consumo que tinham com os clientes (com certeza havia exceções).

Embora grande parte dos homens frequentasse o meretrício pelas mulheres e pelos bordéis, sua sociabilidade na zona girava em torno dos bares. Os botequins eram espaços em que a bebida e o jogo centralizavam parte das diversões. Em levantamentos do Arquivo Histórico Municipal, nas caixas da série de Divertimentos Públicos, encontramos alguns dos alvarás de pedidos de licença de funcionamento de bares nas ruas do meretrício datados de 1946 e que solicitavam licença para o funcionamento de vitrolas, jogos de dados e mesas de bilhar. Assim, noite adentro, se tornavam um espaço de apostas, bebedeiras, conversas. Também é possível supor que se configuravam como lugares de transição importantes - sobretudo para os trabalhadores e homens de família - entre a cidade / rotina de trabalho e a experiência do sexo com as prostitutas nas casas de tolerância. E, na volta, entre o lupanar e o lar.

Os bares no interior da zona, assim como seus frequentadores, também eram vigiados e controlados pela presença constante da Polícia de Costumes. Inclusive de forma ainda mais enfática do que em relação às prostitutas que viviam e trabalhavam no perímetro confinado. Justamente por se constituir como um lugar segregado do restante da cidade e com uma função muito específica, era lá que as meretrizes podiam exercer seu trabalho sem serem presas por vadiagem ou por atentados à moral, às famílias e aos costumes. Era um espaço na cidade em que, se por um lado estavam confinadas e controladas, obrigadas a se registrar na Polícia de Costumes e a realizar exames periódicos nas instituições sanitárias, por outro podiam trabalhar e morar:

Nos limites da zona, a prostituição se desenvolve tal e qual ocorria no período anterior à criação da Delegacia de Costumes. As mulheres têm direito à rua, às janelas, seus gestos não são controlados. A criação de um meio fechado, onde a marcação da delinquência é explicitada, permite inclusive a mistura, que se dá pela frequência de clientes vindos de todos os bairros da cidade. Esta mistura só é possível porque momentânea, se desfaz, e porque a zona tem uma

função clara e específica na cidade, garantida pela constante vigilância da polícia, presente dia e noite no local. (Feldman, 1989, p.94)

A partir do fim do Estado Novo, na segunda metade da década de 1940, no entanto, ocorrem mudanças na Polícia de Costumes que levam à maior repressão dos homens frequentadores deste *bas-fond*, sobretudo os homens sem profissão definida, vistos como vadios¹¹, e os que fugiam às normas de gênero e sexualidade. A maioria dos “vadios” da zona e de fora dela estavam sujeitos à detenção, em um momento de supervalorização do trabalho e do trabalhador como figuras associadas à proteção e à construção da nação. Diversas matérias de jornal do período noticiavam prisões em massa de “vadios” e muitas vezes eram acompanhadas da visão das prostitutas como vítimas exploradas por esses horríveis homens que as atraíam para o mundo da prostituição e do vício contra sua vontade, devido à suas origens humildes e miseráveis e ao seu espírito fraco. A associação da vadiagem à exploração de mulheres é, então, uma maneira de justificar e atuar violentamente contra esses homens pobres que viviam no submundo, às margens como as meretrizes.

É inegável que existisse a exploração das mulheres, o rufianismo, lenocínio, tráfico de escravas brancas, e que isso estivesse presente na zona. Mas a existência da exploração não significa que todos os homens “sem profissão definida” fossem exploradores de mulheres e nem que todas as meretrizes fossem vítimas sem qualquer poder de escolha sobre suas vidas.

Embora os homens associados à vadiagem fossem os alvos principais dessas ações policiais, dentro e fora do meretrício, em algumas das notícias relacionadas às prisões em massa percebemos a recorrência da associação da delinquência a indivíduos que não cumpriam os requisitos de virilidade, sexualidade e dualidade de gênero esperados para os homens na época, vistos como “anormais” e desviantes sexuais. Em 21 de março de 1951, por exemplo, é veiculada a seguinte notícia no *Diário da Noite* (edição 08052A, 21/03/1951) (Figura 07):

MAIS DE 50 PRISÕES NO BOM RETIRO

A Delegacia Especializada de Costumes [...] realizou, na madrugada de ontem, diligência na zona do meretrício, no bairro do Bom Retiro, onde prendeu mais de cinquenta indivíduos de vida delituosa. Os presos, **em sua maioria homossexuais**, depois de apresentados ao titular da delegacia [...] foram recolhidos ao xadrez, a fim de serem sindicados, em processo instaurado sob a direção do delegado ODORICO DE MORAIS [...].

Nas obras literárias que se passam na zona do meretrício do Bom Retiro, além dos homossexuais, os “invertidos” são personagens bastante presentes no cotidiano da zona confinada, participando tanto das “virações” e crimes como da própria atividade da prostituição. Vistas com desprezo e nojo estavam nas margens deste submundo já marginal, sem, no entanto, deixar de participar dele. Em uma passagem do romance de Nuto Sant’Anna a presença das travestis no cotidiano da zona fica clara, assim como a visão determinista do autor:

¹¹ A Lei de Contravenções Penais da época estabelecia vadiagem como: “entregar-se alguém habitualmente à ociosidade sendo válido para o trabalho, sem ter renda que lhe assegure bastante de subsistência, ou prover a própria subsistência mediante ocupação ‘ilícita’” (Feldman, 1989, p.76)

Desencaminharam-no o esnúquer¹² até altas horas da noite, depois os aperitivos pelos bares, a vadiagem pelo triângulo, más companhias. Duas delas foram da pior espécie, o Primorosa e o Veludo, que se perverteram ignobilmente, adotando ademanos caracteristicamente femininos, voz aflautada, os quadris remexidos, axilas raspadas a gilete, unhas rebrilhando esmaltes. [...] o Primorosa e o Veludo, que, por adotarem o sexo das mulheres, também ali ‘trabalhavam’. E durante os ócios, serviam-nas em atividades íntimas, passando-lhes a roupa branca, conduzindo-lhes, em longas jarras esmaltadas, água morna para as abluções. Pintavam os lábios com baton e faziam estrepitar no assoalho ou pelo cimento dos passeios o tacão dos seus sapatinho Luís XV. Eram nojentos. Pilé deplorar-lhes a decadência física e mental - mas ia, por seu turno, contaminando-se daquela atmosfera envenenada. (Sant’Anna, 1958, pp.59-60)

Esses corpos que fugiam aos padrões de gênero estabelecidos eram também perseguidos pela Polícia de Costumes, e vistos como “pervertidos sexuais”. Ao mesmo tempo, encontravam na zona do meretrício um lugar em que poderiam, apesar da repressão policial, existir e resistir. Uma das notícias que aborda essas figuras desviantes dá destaque para “MARIA APARECIDA ROBERTO, a jovem de vinte anos que se veste de homem e faz trapalhadas como se fôra um homem”. Em 3 de novembro de 1951, noticia-se no *Diário da Noite* (edição 08238) (figura 08), uma incutida da Polícia de Costumes que revista “5.500 cidadãos na zona do meretrício” e leva “231 pessoas detidas numa ‘batida policial’”, entre elas estão ladrões e traficantes, mas também “vinte e oito anormais entre os detidos”, também chamados na notícia de “pervertidos sexuais”. Entre eles:

VESTIDA DE HOMEM

Maria Aparecida Roberto, 20 anos, vive trajada de homem. Lá estava ela entre os cinco mil e quinhentos cidadãos frequentadores da zona do meretrício. Há dias, Maria Aparecida Roberto esfaqueou um engraxate e, no momento de ser detida, contou ao reporter que nunca ninguém será capaz de fazê-la trajar-se de mulher, mesmo porque ela não se sente bem se não envergar trajes masculinos.



¹² Snooker, sinuca.

Figuras 07 e 08: À esquerda fotografia dos presos de “vida delituosa”. Fonte: Diário da Noite, edição 08052A, 21/03/1951. À direita fotografia das 231 prisões na batida policial na zona do meretrício, na terceira foto de cima está Maria Aparecida Roberto. Fonte: Diário da Noite, edição 08238, 03/11/1951.

Mas não só os vadios, malandros, homossexuais, travestis e transsexuais eram afetados pela repressão policial no interior da zona. As meretrizes também passavam por situações de repressão, sobretudo voltadas para as questões sanitárias, mas também em revistas da polícia em busca de armas brancas, por exemplo. Por outro lado, eram diretamente afetadas em sua vida privada durante estas batidas policiais, suas casas eram invadidas, seus parceiros presos, e elas nada podiam fazer em relação a isso. No discurso, estavam sendo protegidas da exploração destes homens vadios e criminosos.

Uma notícia de 2 de agosto de 1948, mostra, inclusive através de fotos (Figura 09), como a atuação da polícia no meretrício do Bom Retiro invadia as casas de tolerância e tirava da cama das meretrizes seus amantes que ali pernoitavam. Por isso também, muitas das mulheres que trabalhavam na zona, se tivessem uma melhor condição financeira, viviam fora do perímetro de confinamento, em hotéis e casas de cômodos das imediações das estações de trem, na Luz e nos Campos Elíseos, “preferindo residir nos melhores quartos dos piores hotéis, geralmente na companhia de seus bem-amados, o que no recinto de confinamento se fazia impossível, por não permitido” (Joanides, 1977, p.22). Desta forma, a força policial, mesmo na zona confinada e vigiada, fazia questão de invadir os espaços privados das prostitutas, seus locais de moradia e trabalho, não era permitida à mulher “pública” uma vida privada.

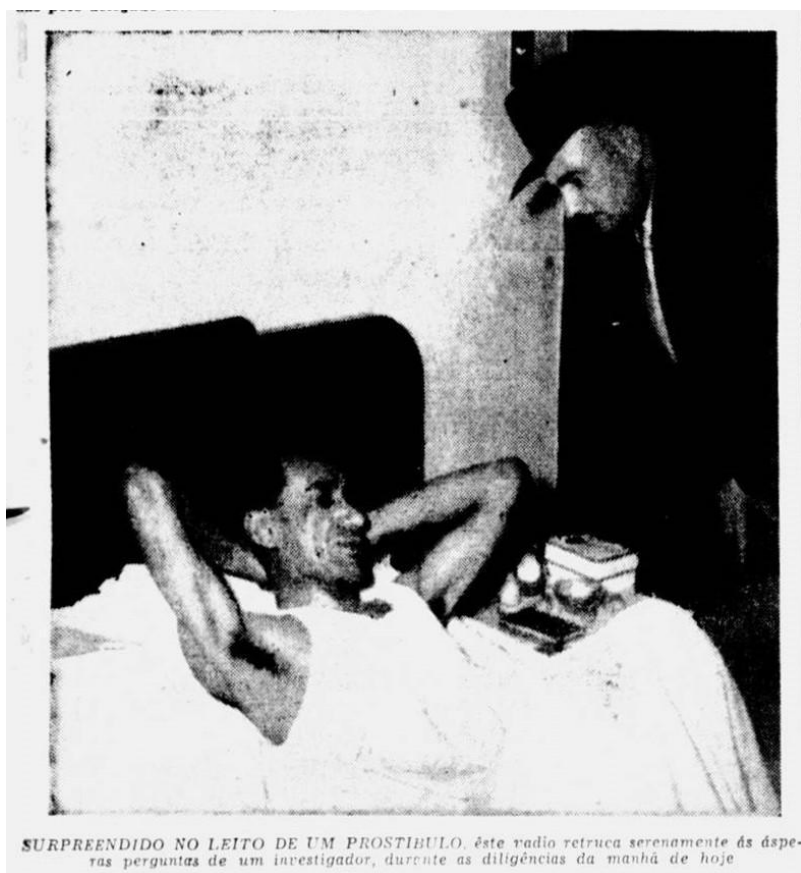


Figura 09: Fotografia de um homem sendo abordado pela polícia deitado na cama de uma das casas de tolerância da zona. Na legenda lê-se: “Surpreendido no leito de um prostíbulo, êste vadio retruca serenamente às ásperas perguntas de um investigador, durante as diligências da manhã de hoje”. Fonte: Diário da Noite, edição 07257, 02/08/1948.

As meretrizes que fossem flagradas exercendo atividades de prostituição fora do meretrício do Bom Retiro, registradas ou não, estavam sujeitas à prisão por vadiagem. Dessa forma, associadas à delinquência, as prostitutas, apesar de exercerem uma atividade que em si não era criminalizada - apenas o lenocínio era crime - tampouco eram reconhecidas como trabalhadoras, embora prestassem um serviço visto como necessário para a manutenção das famílias e da civilidade. Atrelá-las à vadiagem era uma forma de criminalizá-las, sem criminalizar a atividade da prostituição, controlando assim os corpos e percursos dessas mulheres pela cidade. Não é à toa que o número e presença das prostitutas clandestinas cresce mesmo no período do confinamento, assim como o número de prisões. De acordo com um levantamento trazido por Furlan (1955, p.13), enquanto havia cerca de 1.500 mulheres nas 150 casas de tolerância da zona, em 1952 avaliava-se que existiam aproximadamente 20.000 prostitutas clandestinas, que eram assim chamadas por não estarem devidamente registradas na Delegacia de Costumes e exercerem suas atividades fora do perímetro confinado. Feldman (1989, p.77) chama a atenção também para o aumento dos estabelecimentos camuflados fora do perímetro confinado.

A Delegacia de Costumes, além do controle das meretrizes fora da zona, também agia sobre estes estabelecimentos suspeitos e camuflados, em sua maioria hotéis localizados nessas regiões centrais da cidade. Os estabelecimentos de prostituição de luxo, voltados às classes mais altas, eram, no fim, os menos vigiados e controlados. Dessa forma, dentro ou fora da zona confinada os corpos perseguidos eram os corpos pobres.

Considerações finais

A criação da zona confinada do meretrício e sua permanência na cidade até 1953 como mecanismo de segregação, como vimos, é também uma resposta à modernização da cidade e dos costumes da vida urbana, que traz tensionamentos e reações moralistas e higienistas, sob o discurso de proteção das famílias e da saúde da população. Esses discursos, são veiculados na mídia, na literatura e na academia, como vimos aqui. Mas também são articulados à ação da Polícia, dos agentes de saúde, das assistentes sociais, assim como dos planejadores urbanos. Que em conjunto desarticulam espaços de concentração de práticas e populações dissidentes, visando também o seu controle.

O caso do meretrício do Bom Retiro nos faz pensar que o confinamento da prostituição neste território da cidade foi uma experiência do regulamentarismo em São Paulo, e um lugar de experimentação com a ação direta da polícia e dos agentes sanitários - através da polícia de costumes e dos postos anti-venéreos - que afetou uma pequena parte dos estabelecimentos de prostituição na cidade, assim como a minoria das trabalhadoras do sexo. Enquanto isso, pela constituição de um meretrício público e institucionalizado, toda a prostituição que ocorria fora do perímetro confinado - e era a maior parte - estava sujeita à ação policial, sendo a mulher prostituta a maior vítima de prisões por vadiagem e repressão fora da zona, sobretudo as mais pobres que trabalhavam nos baixo-meretrícios, neste momento de valorização do trabalhador como símbolo da nação. Desta forma, a instituição do confinamento foi uma ação que ao mesmo tempo pôde controlar e reprimir as práticas ligadas à prostituição e as mulheres prostitutas, assim como os

demais personagens ligados à este submundo, dentro e fora da zona, sem no entanto eliminar a prostituição da cidade.

O confinamento do meretrício, como parte das ações que visavam a territorialização e segregação de certas práticas e populações, baseadas em discursos moralistas e higienistas, em espaços específicos e controlados garante um controle médico-policial que não é absoluto e nem impermeável. Mesmo a demarcação de um local específico na cidade para a prostituição não é capaz de isolar as trabalhadoras sexuais, suas atividades e outros personagens ligados à elas do resto da cidade. Nem impedir que os homens de família e trabalhadores frequentem este ambiente. O que fica claro tanto pelo número de meretrizes e estabelecimentos clandestinos, como pela reação do bairro do Bom Retiro contra a presença da zona na vizinhança.

Ao mesmo tempo, a presença constante do controle médico policial, dentro e fora do perímetro confinado, acaba por modificar as práticas cotidianas desses corpos, suas sociabilidades e modos de morar, além de produzir novas formas de resistência e presença na cidade. E a zona se estabelece também como contraponto à idealização de domesticidade monogâmica e heteronormativa, um lugar em que a sexualidade poderia ser explorada de forma mais livre e onde as sociabilidades dos homens de família, dos trabalhadores, dos marginais e das meretrizes se encontravam.

Referências

BORGES, Sofia Villela. **Corpo estranho confinado:** zona de prostituição do Bom Retiro e o sacrifício da modernização em São Paulo. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Escola da Cidade, São Paulo, 2018.

FELDMAN, Sarah. **Segregações Espaciais Urbanas:** A territorialização da prostituição feminina em São Paulo. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1989.

FERREIRA, Pedro Beresin Schleder. **A casa do homem de bem:** masculinidade, civilização e domesticidade no Brasil (1870-1920). Tese (Doutorado em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

FURLAN, Elvira Aguiar Borges. **Alguns aspectos da regulamentação da prostituição em São Paulo.** TCC (Serviço Social) - Escola de Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1955.

JOANIDES, Hiroito de Moraes. **Boca do Lixo.** 5ª edição. São Paulo: Ed. Populares, 1977.

MARINS, Paulo César Garcez. **Através da rótula:** sociedade e arquitetura no Brasil, séculos XVII a XX. Tese (Doutorado - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo). Versão adaptada. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2001.

PINSKY, Carla Bassanezi. **Mulheres dos anos dourados**. São Paulo: Contexto, 2014. E-book.

RAGO, Margareth. **Os prazeres da noite**: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo, 1890-1930. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1991.

RECHTMAN, Enio. **Itaboca, rua de triste memória**: imigrantes judeus no bairro do Bom Retiro e o confinamento da zona do meretrício (1940 a 1953). Dissertação (Mestrado em Estudos judaicos) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

ROSIN, Maíra. **Dos bêbados, das putas e dos que morrem de amor**: Os marginais do embelezamento e do melhoramentos urbanos (1905-1938). Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

SÁ, Camila Gabay de. **Zona de dia e zona de noite**: cotidianos e modos de morar na zona do meretrício do Bom Retiro (1940-1953). Trabalho Final de Graduação (Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e de Design, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2024.

SANT'ANNA, Nuto. **Rua Aimorés**. São Paulo: Tipografia Rossolillo, 1958.

TOLEDO, Benedito Lima de. **Prestes Maia e as origens do urbanismo moderno em São Paulo**. São Paulo: Empresa das Artes, 1996.